

LISA  
KLEYPAS  
SEDUÇÃO  
AO AMANHECER

Os Hathaways 2



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Sheila Clover English, uma mulher bonita e bondosa  
que tem muitos dons e talentos. Agradeço por transformar  
minhas palavras em pequenos trabalhos de arte em vídeo, e  
mais ainda por ser uma amiga maravilhosa.*

# CAPÍTULO 1

*Londres, 1848*

*Inverno*

**W**in sempre achara Kev Merripen lindo, como uma paisagem austera ou um dia de inverno podem ser. Ele era um homem grande, impressionante, intransigente em todos os aspectos. Seus traços marcantes e exóticos combinavam perfeitamente com os olhos muito escuros, nos quais quase não era possível distinguir a íris da pupila. Os cabelos eram grossos e negros como a asa de um corvo; as sobrancelhas, fortes e retas. E a boca larga exibía uma curva constante que Win considerava irresistível.

Merripen. Seu amor, mas nunca seu amante. Conheciam-se desde a infância, quando ele fora acolhido pelos pais dela. Os Hathaways sempre o trataram como se fosse da família, mas Merripen agia como um criado. Um protetor. Um forasteiro.

Ele foi ao quarto de Win e ficou parado na porta, olhando enquanto ela preparava uma valise com alguns objetos pessoais que tirava da primeira gaveta da cômoda. Uma escova de cabelo, grampos, um punhado de lenços que a irmã Poppy havia bordado para ela. Enquanto guardava os objetos na bolsa de couro, Win tinha plena consciência da presença de Merripen. Sabia o que se escondia sob aquela quietude, porque também sentia uma ponta de frustração.

A ideia de deixá-lo partia seu coração. Mas não tinha escolha. Era uma inválida desde que contraíra escarlatina dois anos antes. Era magra, frágil e propensa a desmaios e fadiga. Os pulmões eram fracos, atestavam todos os médicos. Não havia nada a fazer a não ser resignar-se. Uma vida de repouso na cama seguida por uma morte prematura.

Win não podia aceitar esse destino.

Quería ficar bem, desfrutar das coisas como qualquer outra pessoa. Dançar, rir, caminhar pelo campo. Quería a liberdade para amar... se casar... ter a própria família um dia.

Com a saúde em estado tão lamentável, não podia fazer nada disso. Mas tudo estava prestes a mudar. Hoje mesmo partiria para uma clínica francesa onde um médico jovem e dinâmico, Julian Harrow, obtivera resultados

impressionantes em casos como o dela. Seus tratamentos eram heterodoxos, controversos, mas Win não se importava com isso. Faria qualquer coisa para se curar. Porque enquanto não estivesse curada, não poderia ter Merripen.

– Não vá – disse ele, tão baixo que Win quase não escutou.

Ela tentava demonstrar calma, apesar do arrepio persistente que percorria sua espinha.

– Por favor, feche a porta – conseguiu dizer. Precisavam de privacidade para a conversa que teriam agora.

Merripen não se moveu. Havia um rubor intenso em seu rosto moreno, e os olhos negros brilhavam com uma ferocidade que não era característica. Neste momento ele se comportava completamente como um cigano, com as emoções à flor da pele, mais do que costumava permitir que acontecesse.

Ela mesma caminhou até a porta, e Merripen afastou-se para o lado, como se qualquer contato físico entre os dois fosse causar um dano fatal.

– Por que não quer que eu vá, Kev? – perguntou ela com doçura.

– Você não estará segura lá.

– Estarei perfeitamente segura – disse ela. – Tenho fé no Dr. Harrow. Os tratamentos que ele propõe me parecem razoáveis, e ele tem tido alto índice de sucesso...

– E o mesmo índice de fracasso. Há médicos melhores aqui em Londres. Devia tentar consultá-los antes.

– Acho que tenho mais chances com o Dr. Harrow. – Win sorriu olhando nos olhos negros e duros de Merripen, compreendendo tudo que ele não conseguia dizer. – Vou voltar para você. Prometo.

Ele fingiu não ter ouvido essas últimas palavras. Cada tentativa que ela fazia para trazer à tona os sentimentos entre eles era sempre recebida com resistência de ferro. Merripen jamais admitiria que gostava dela, sempre a trataria apenas como uma pessoa frágil que precisava de sua proteção. Uma borboleta de asa quebrada.

Enquanto ele seguia em frente e ia atrás de seus objetivos.

Apesar da discrição de Merripen com relação a seus assuntos pessoais, Win tinha certeza de que várias mulheres haviam se entregado a ele e usado seu corpo para o próprio prazer. Um sentimento de desespero e fúria brotou em sua alma quando ela pensou em Merripen se deitando com outra mulher. A força de seu desejo por ele, se revelada, chocaria todos que a conheciam. Provavelmente, chocaria ainda mais Merripen.

Vendo seu rosto inexpressivo, Win pensou: *Muito bem, Kev. Se é isso que você quer, serei impassível. Teremos uma despedida agradável e fria.*

Mais tarde ela sofreria sozinha, sabendo que passaria uma eternidade antes de vê-lo novamente. Mas isso era melhor do que viver assim, sempre juntos, mas separados, com a doença o tempo todo entre eles.

– Bem – disse ela friamente. – Em breve estarei partindo. E não precisa se preocupar, Kev. Leo vai cuidar de mim durante a viagem à França e...

– Seu irmão não é capaz de cuidar nem dele próprio – Merripen a interrompeu em tom ríspido. – Você não vai. Vai ficar aqui, onde posso...

Ele parou, engolindo as palavras.

Mas Win ouvira um sinal de fúria ou angústia na voz profunda.

Isso estava ficando interessante.

O coração dela começou a bater mais depressa.

– Escute... – Ela teve que fazer uma pausa para recuperar o fôlego. – Só há uma coisa capaz de me impedir de partir.

Ele a encarou atento.

– O que é?

Foi preciso um longo momento para que ela encontrasse coragem para falar:

– Diga que me ama. Diga, e eu ficarei.

Os olhos negros dele se arregalaram. O som da inspiração brusca cortou o ar. Ele ficou em silêncio, paralisado.

Uma curiosa mistura de humor e desespero se apoderou de Win enquanto ela esperava pela resposta.

– Eu... gosto de todos de sua família...

– Não. Você sabe que não é isso que estou pedindo. – Win se aproximou e pousou as mãos pálidas no peito dele, sentindo os músculos firmes e torneados. Sentia também a reação que o contato provocava nele. – Por favor – pediu, odiando o tom de desespero na própria voz. – Eu não me incomodaria de morrer amanhã, se pudesse ouvir só uma vez...

– *Não* – resmungou ele, recuando.

Deixando a cautela de lado, Win seguiu adiante e agarrou o tecido da camisa dele.

– Fale. Vamos trazer a verdade à tona, de uma vez...

– Quieta, vai acabar passando mal.

Saber que ele estava certo a enfurecia. Podia sentir a fraqueza de sempre, a tontura que acompanhava a pulsação acelerada e os pulmões sobrecarregados. Detestava seu corpo frágil.

– Amo você – declarou ela com tristeza. – E se eu fosse saudável, nada neste mundo poderia me manter longe de você. Se estivesse bem, eu o levaria para minha cama e demonstraria tanta paixão quanto qualquer mulher seria capaz...

– Não.

A mão dele cobriu a boca de Win como que para silenciá-la, mas se afastou bruscamente ao sentir o calor dos lábios.

– Se eu não tenho medo de admitir, por que você deveria ter?

O prazer de estar perto dele, de tocá-lo, era uma espécie de loucura. Inquieta, ela colou o corpo ao dele. Merripen tentou empurrá-la para longe sem machucá-la, mas Win se agarrava com toda a força que ainda tinha.

– E se este fosse o seu último momento comigo? Não se arrependeria por não me falar o que sente? Não...

Merripen cobriu a boca de Win com a dele, desesperado, numa tentativa de fazê-la calar. Ambos ofegantes, ficaram imóveis, absorvendo a força da sensação. O hálito de Merripen em seu rosto lhe provocava ondas de calor. Os braços dele a envolveram, cercando-a com sua imensa força, segurando-a contra seu corpo rígido. E então tudo se incendiou, e os dois se perderam em um furor de necessidade.

Ela sentia em seu hálito a doçura das maçãs, a nota amarga de café, mas, acima de tudo, sentia a essência de Merripen. Queria mais, desejava-o, e a avidez a fez pressionar o corpo contra o dele. Ele recebeu a oferta inocente com um som baixo, selvagem.

Ela sentiu o toque da língua. Então se abriu para ele, recebendo-o e, ainda hesitante, usando a própria língua para acariciar a dele. Merripen estremeceu ofegante e a abraçou com mais força. Uma nova fraqueza a inundou, os sentidos clamaram pelas mãos dele, pela boca, pelo corpo... pela potência do peso dele sobre ela, dentro dela... Ah, como o queria, queria tanto...

Merripen a beijou com uma fome selvagem, a boca se movendo sobre a dela com uma avidez feroz, lasciva. O corpo dela se deleitava, e ela se movia e o abraçava, desejando-o mais perto.

Através das várias camadas de tecido, Win sentia como Merripen empurrava o quadril contra o dela, o ritmo sutil e tenso. Instintivamente, ela abaixou a mão para tocá-lo, acalmá-lo, e os dedos trêmulos encontraram a rigidez de sua ereção.

Ele gemeu, sufocando o som em sua boca. Num momento ardente, segurou a mão dela e a apertou contra o membro. Win abriu os olhos e sentiu a energia pulsante, o calor e a tensão que pareciam prontos para explodir.

– Kev... a cama... – sussurrou ela, completamente ruborizada. Desejava-o com tanto ardor, havia tanto tempo, e agora enfim ia acontecer. – Leve-me...

Merripen praguejou e a empurrou para longe, virando-se para o lado. Arfava descontroladamente.

Win se aproximou.

– Kev...

– *Fique longe* – disse ele, com um tom de voz que a fez recuar com um salto.

Por pelo menos um minuto, não houve som ou movimento exceto o ruído intenso da respiração ofegante dos dois.

Merripen foi o primeiro a falar. Sua voz tinha o peso da ira e do desgosto, talvez em relação a ela ou a ele mesmo.

– Isso nunca mais vai acontecer.

– Porque tem medo de me machucar?

– Porque não a quero desse jeito.

A indignação foi imediata, e ela riu incrédula.

– Você acabou de reagir. Eu senti.

O rubor se intensificou no rosto dele.

– Teria acontecido com qualquer mulher.

– Você... está tentando me fazer acreditar que não tem nenhum sentimento especial por mim?

– Nada mais que desejo de proteger alguém da sua família.

Ela sabia que era mentira; *sabia*. Mas aquela rejeição fria tornava sua partida um pouco mais fácil.

– Eu... – Era difícil falar. – Quanta nobreza de sua parte. – A tentativa de adotar um tom irônico foi prejudicada pela falta de ar. Malditos pulmões fracos.

– Está agitada demais – disse Merripen, aproximando-se dela. – Precisa descansar...

– Estou *bem* – respondeu Win com firmeza, caminhando até o lavatório e segurando-se nele para não cambalear.

Quando garantiu o equilíbrio, ela despejou um pouco de água em uma toalha limpa e a aplicou sobre as faces avermelhadas. Diante do espelho, recompôs sua habitual expressão serena. De algum jeito, conseguiu fazer a voz soar calma.

– Quero você por inteiro ou não quero nada – disse. – Você sabe o que dizer para me fazer ficar. Se não pretende fazer isso, então saia.

O ar no quarto estava carregado de emoção. Os nervos de Win gritavam protestando contra o silêncio prolongado. Ela olhou para o espelho e só conseguiu ver a forma larga do ombro dele e do braço. E então ele se moveu, e a porta se abriu e fechou.

Win continuou aplicando a compressa fria no rosto, usando-a para conter algumas lágrimas perdidas. Deixando a toalha de lado, ela notou que a mão que havia tocado a parte mais íntima dele ainda guardava aquele contato. Os



lábios ainda formigavam depois dos beijos doces e intensos, e o peito sentia a dor do amor desesperado.

– Bem – disse ela para o reflexo corado –, agora você tem a motivação. – E riu trêmula até ter que limpar mais lágrimas.



Cam Rohan supervisionava o preparo da carruagem que logo partiria para as docas de Londres e se perguntava se não estava cometendo um erro. Havia prometido à nova esposa que cuidaria da família dela. Porém, menos de dois meses depois de ter se casado com Amelia, mandava uma de suas irmãs para a França.

– Podemos esperar – dissera ele a Amelia na noite anterior, abraçando-a, afagando seus lindos cabelos castanhos enquanto ela chorava um rio em seu peito. – Se quiser manter Win com você por mais algum tempo, podemos mandá-la para a clínica na primavera.

– Não, ela deve ir o mais depressa possível. O Dr. Harrow deixou claro que já perdemos muito tempo. Win terá mais chances de recuperação se começar o tratamento imediatamente.

Cam sorria ao ouvir o tom pragmático de Amelia. Sua esposa era especialista em esconder as emoções, mantendo uma aparência tão firme que poucas pessoas percebiam o quanto ela era realmente vulnerável. Cam era o único com quem ela baixava a guarda.

– Temos que ser sensatos – acrescentara Amelia.

Cam a afastara do ombro e, com ela deitada de costas, ele olhara para seu rosto pequeno e adorável à luz da lamparina. Os olhos redondos e azuis eram escuros como a noite.

– Sim – concordara. – Mas nem sempre é fácil ser sensato, é?

Ela balançara a cabeça com os olhos cheios de lágrimas.

Cam afagara sua face com a ponta dos dedos.

– Pobre beija-flor – murmurara. – Você enfrentou muitas mudanças nos últimos meses, entre elas o nosso casamento. E agora estou mandando sua irmã para longe.

– Para uma clínica, para que ela fique curada – justificara Amelia. – Sei que é o melhor para ela. É só que... vou sentir saudades. Win é a mais querida e gentil da família. A pacificadora. Vamos acabar nos matando durante a ausência dela. – Ela franzira a testa. – Não diga a ninguém que me viu chorando, ou vou ficar *muito* aborrecida.

– Não, *monisha* – ele a acalmara, abraçando-a enquanto ela chorava. – Todos os seus segredos estão bem guardados comigo. Sabe disso.

Ele havia beijado suas lágrimas e tirado sua camisola devagar. Fizera amor com ela ainda mais lentamente.

– Amorzinho – sussurrara ao senti-la tremer sob seu corpo. – Deixe-me fazer você se sentir melhor...

E, ao se apoderar de seu corpo, ele contou na língua antiga que ela o satisfazia de todas as maneiras, que amava estar dentro dela, que nunca a deixaria. Amelia não havia entendido as palavras estrangeiras, mas o som a excitara, e as mãos dela passearam por suas costas como patas de gato, o quadril subindo para ir ao encontro do dele. Ele a amou e saciou, sentindo-se também satisfeito, até a esposa adormecer.

Durante muito tempo depois, Cam a segurara aninhada contra o peito, a cabeça dela repousando sobre seu ombro. Agora era responsável por Amelia, e por toda a família dela.

Os Hathaways formavam um grupo heterogêneo que incluía quatro irmãs, um irmão e Merripen, que era um cigano como Cam. Ninguém parecia saber muito sobre Merripen, exceto que fora acolhido pela família Hathaway na infância, depois de ter sido ferido e abandonado para morrer em uma perseguição a ciganos.

Não havia como prever de que forma Merripen se comportaria na ausência de Win, mas Cam tinha a sensação de que não seria nada agradável. Não podiam ser mais diferentes, a moça loura, pálida e debilitada e o grande rom. Uma tão refinada e transcendental; o outro moreno, rústico, quase incivilizado. Mas a conexão estava ali, invisível porém inegável.

Quando a carroça foi carregada e a bagagem estava presa com tiras de couro, Cam voltou à suíte do hotel onde a família estava hospedada. Eles se haviam reunido na sala de visitas para as despedidas.

Merripen não estava presente.

Eles lotavam a pequena sala, as irmãs e Leo, o irmão, que iria à França como acompanhante de Win.

– Ei, ei – disse Leo, irritado, dando tapinhas nas costas da caçula Beatrix, que acabara de completar 16 anos. – Não precisa fazer uma cena.

Ela o abraçou com força.

– Você vai estar sozinho, longe de casa. Por que não leva um dos meus animaizinhos para lhe fazer companhia?

– Não, querida. Vou ter que me contentar com a companhia humana que encontrar no navio. – Ele olhou para Poppy, uma beldade de cabelos vermelhos

e 19 anos de idade. – Adeus, mana. Aproveite bem sua primeira temporada em Londres. Tente não aceitar o primeiro homem que a pedir em casamento.

Poppy adiantou-se para abraçá-lo.

– Leo, querido – disse, a voz abafada por seu ombro –, procure se comportar bem enquanto estiver na França.

– Ninguém se comporta na França – respondeu Leo. – Por isso todos gostam tanto de lá.

Ele olhou para Amelia. Só então a fachada de autoconfiança começou a ruir. Leo respirou fundo. De todas as irmãs, Amelia era com quem ele discutia mais frequentemente e com mais intensidade. No entanto, ela era, sem dúvida, sua favorita. Haviam passado por muitas coisas juntos, cuidando das irmãs mais novas depois da morte dos pais. Amelia vira Leo, um jovem e promissor arquiteto, transformar-se num farrapo de homem. Herdar um título de visconde não ajudara em nada. De fato, o título e o status recém-adquiridos só haviam acelerado a ruína de Leo. Nem por isso Amelia deixara de lutar por ele, tentar salvá-lo a cada passo do caminho. E isso o aborrecera muito.

Amelia aproximou-se dele e apoiou a cabeça em seu peito.

– Leo – disse ela choramingando. – Se deixar alguma coisa acontecer com Win, matarei você.

Ele afagou seus cabelos com delicadeza.

– Você ameaça me matar há anos e nunca fez nada.

– Estou esperando... o motivo certo.

Sorrindo, Leo afastou a cabeça dela de seu peito e a beijou na testa.

– Eu a trarei de volta sã e salva.

– E quanto a você?

– Também voltarei inteiro.

Amelia alisou a casaca do irmão, os lábios tremendo.

– Então, é melhor abandonar essa vida de bêbado perdulário – disse.

Leo sorriu.

– Mas eu sempre acreditei que cada um deveria cultivar ao máximo seus talentos naturais. – E abaixou a cabeça para ela poder beijar seu rosto. – E você não é a melhor pessoa para falar sobre como se comportar, já que acabou de se casar com um homem que mal conhecia.

– Foi a melhor coisa que fiz – declarou Amelia.

– Considerando que ele está pagando minha viagem à França, suponho que não posso discordar. – Leo estendeu a mão para Cam. Depois de um começo atribulado, os dois passaram a gostar um do outro em pouco tempo. – Adeus, *phral* – disse Leo, usando a palavra cigana que aprendera com Cam e signifi-

cava “irmão”. – Não duvido de que vai fazer um excelente trabalho cuidando da família. Já se livrou de mim, o que é um começo promissor.

– Voltará para uma casa reconstruída e uma propriedade próspera, milorde. Leo riu baixo.

– Mal posso esperar para ver o que vai conseguir fazer. Sabe, poucos homens como eu confiariam todos os seus negócios a uma dupla de ciganos.

– Não tenho dúvida de que você é o único – respondeu Cam.



Depois de Win se despedir das irmãs, Leo a acomodou na carruagem e sentou-se ao lado dela. Houve um solavanco suave quando os animais começaram a andar, e eles iniciaram a viagem para as docas de Londres.

Leo estudou o perfil de Win. Como sempre, ela demonstrava pouca emoção, o rosto delicado estava sereno e composto. Mas via a pele queimando na porção superior de suas faces claras, e reparou no modo como os dedos apertavam e torciam o lenço bordado sobre suas pernas. Não havia deixado de notar que Merripen não fora se despedir. Leo se perguntava se ele e Win haviam trocado palavras ríspidas.

Suspirando, Leo passou o braço sobre os ombros da irmã magra e frágil. Ela ficou tensa, mas não tentou se afastar. Depois de um momento, levantou o lenço e secou os olhos. Ela estava amedrontada, doente e infeliz.

E ele era tudo o que Win tinha.

Que Deus a ajudasse.

Leo tentou fazer uma piada.

– Não deixou Beatrix convencê-la a trazer um de seus animaizinhos, deixou? Estou avisando, se tiver um furão ou um rato entre suas coisas, ele vai para o mar assim que embarcarmos.

Win balançou a cabeça e assoou o nariz.

– Sabe – prosseguiu Leo em tom casual, ainda com o braço sobre seus ombros –, você é a menos divertida de todas as irmãs. Não sei como acabei a caminho da França com você.

– Acredite – respondeu ela, choramingando –, eu não seria tão enfadonha se tivesse escolha. Quando recuperar a saúde, pretendo me comportar muito mal.

– Bem, isso é algo que vale a pena esperar. – Ele apoiou o rosto em seus cabelos louros e macios.

– Leo – disse ela depois de um momento –, por que se ofereceu para me acompanhar à clínica? Porque também quer se tratar, é isso?

Leo ficou ao mesmo tempo emocionado e irritado com a pergunta inocente. Win, como todos os outros da família, considerava o consumo excessivo de álcool uma doença que poderia ser curada por um período de abstinência e ambiente saudável. Mas beber era só um sintoma de sua verdadeira doença – uma tristeza tão persistente que às vezes ameaçava fazer seu coração parar de bater.

Não havia como superar a perda de Laura. Não existia cura para isso.

– Não – respondeu ele. – Não pretendo me tratar. Quero apenas continuar minha devassidão em um novo cenário. – A piada foi recompensada com uma risada breve. – Win... você e Merripen discutiram? Por isso ele não apareceu para se despedir? – Um silêncio prolongado o fez revirar os olhos. – Se insistir em ficar quieta desse jeito, mana, a viagem vai ser realmente longa.

– Sim, discutimos.

– Sobre o quê? A clínica de Harrow?

– Não exatamente. Isso também, mas... – Win deu de ombros com evidente desconforto. – É muito complicado. Eu levaria uma eternidade para explicar.

– Vamos atravessar o oceano e percorrer metade da França. Acredite, tempo não nos falta.



Depois que a carruagem partiu, Cam foi ao estábulo atrás do hotel, um galpão limpo com baias para cavalos, um abrigo para carruagens no piso inferior e acomodações para criados no andar de cima. Como esperava, Merripen escovava os cavalos. O estábulo do hotel era administrado de acordo com um sistema de prestação parcial de serviços, o que significava que uma parte dos cuidados com os cavalos tinha que ser dispensada pelos próprios donos dos animais. No momento Merripen se ocupava do cavalo preto de Cam, um animal de 3 anos chamado Pooka.

Os movimentos de Merripen eram leves, rápidos e metódicos enquanto ele deslizava a escova sobre os pelos brilhantes do cavalo.

Cam o observou por alguns instantes, apreciando sua destreza. A história sobre ciganos serem extremamente bons no trato com cavalos não era uma lenda. Um rom considerava sua montaria um camarada, um animal admirável e de instintos heroicos. E Pooka aceitava a presença de Merripen com uma deferência calma que demonstrava com poucas pessoas.

– O que você quer? – perguntou Merripen sem olhar para ele.

Cam se aproximou devagar para abrir a baia, sorrindo quando Pooka abaiçou a cabeça e roçou o focinho em seu peito.

– Não, garoto... não tenho torrões de açúcar.

Ele afagou o pescoço musculoso do animal. As mangas da camisa estavam enroladas até os cotovelos, expondo a tatuagem de um cavalo alado no antebraço. Cam não lembrava quando ele havia feito aquela tatuagem... Devia estar ali desde sempre, por motivos que sua avó jamais explicara.

O símbolo era um corcel que habitava os pesadelos na Irlanda, um cavalo que alternava bondade e maldade, falava com voz humana, voava à noite com suas asas muito abertas e era chamado de *pooka*. De acordo com a lenda, o *pooka* chegava à porta da casa de um humano à meia-noite e o levava para uma cavalgada que o mudaria para sempre.

Cam nunca vira marca semelhante em outra pessoa.

Até conhecer Merripen.

Por alguma ironia do destino, Merripen havia se machucado recentemente em um incêndio. E enquanto seus ferimentos estavam sendo tratados, os Hathaways haviam encontrado a tatuagem em seu ombro.

A descoberta despertara questões das quais Cam ainda não se esquecera.

Ele viu que Merripen olhava para a tatuagem em seu braço.

– O que acha de um cigano com um desenho irlandês? – perguntou Cam.

– Os rons também estão na Irlanda. Não é nada incomum.

– Há algo de incomum nessa tatuagem – falou Cam em tom casual. – Eu nunca tinha visto outra como ela até conhecer você. E como os Hathaways se surpreenderam quando a encontraram, é evidente que você se esforçou muito para mantê-la escondida. Por que, *phral*?

– Não me chame assim.

– Você faz parte da família Hathaway desde que era criança – disse Cam. – E eu entrei na família pelo casamento. Isso nos torna irmãos, não?

Um olhar desdenhoso foi a única resposta.

Cam se divertia de maneira quase perversa sendo simpático com um cigano que evidentemente o desprezava. Entendia muito bem o motivo da hostilidade de Merripen. A adição de um novo homem à tribo familiar, ou *vitsa*, nunca era fácil, e normalmente ele ocuparia um lugar mais baixo na hierarquia. A chegada de Cam e sua posição de chefe da família eram, para Merripen, quase insuportáveis. Não ajudava em nada o fato de Cam ser um *poshram*, um mestiço de mãe cigana e pai irlandês *gadjo*. E para tornar as coisas ainda piores, Cam era rico, o que era vergonhoso aos olhos dos ciganos.

– Por que sempre a manteve escondida? – insistiu Cam.

Merripen interrompeu a escovação e olhou para Cam com uma expressão fria, sombria.

– Fui informado de que era a marca de uma maldição. Disseram que no dia em que eu descobrisse o que o desenho significava e para que servia, eu ou alguém próximo a mim estaria fadado a morrer.

Cam não demonstrou nenhuma reação, mas sentiu um arrepio de desconforto percorrer sua nuca.

– Quem é você, Merripen? – perguntou Cam em voz baixa.

O grande rom voltou ao trabalho.

– Ninguém.

– Você já foi parte de uma tribo. Deve ter tido família.

– Não me lembro de pai nenhum. Minha mãe morreu quando eu nasci.

– A minha também. Fui criado pela minha avó.

A escova parou no meio do movimento. Nenhum dos dois se mexia. O estábulo ficou absolutamente quieto, exceto pela respiração e pelas patas dos cavalos se arrastando no chão.

– Fui criado por um tio. Para ser um *asharibe*.

– Ah! – Cam não demonstrava piedade, mas pensava *pobre coitado*.

Não era à toa que Merripen lutava tão bem. Algumas tribos de ciganos escolhiam seus meninos mais fortes para serem transformados em lutadores de mãos nuas, colocando-os para enfrentar uns aos outros em feiras, bares e reuniões para espectadores fazerem suas apostas. Alguns garotos ficavam desfigurados ou eram mortos. E os que sobreviviam eram lutadores endurecidos, implacáveis e escolhidos como guerreiros da tribo.

– Bem, isso explica seu temperamento doce – disse Cam. – Por isso decidi ficar com os Hathaways depois de ter sido acolhido por eles? Porque não queria mais viver como um *asharibe*?

– Sim.

– Está mentindo, *phral* – disse Cam, observando-o com atenção. – Você ficou por outra razão.

Pelo rubor de Merripen, Cam percebeu que não estava enganado. Em voz baixa, ele acrescentou:

– Ficou por causa dela.

## CAPÍTULO 2

*Doze anos antes*

Não havia bondade nele. Nenhuma fragilidade. Fora criado para dormir no chão duro, comer comida simples, beber água fria e lutar com outros garotos ao receber essa ordem. Se acaso se recusasse a lutar, era espancado pelo tio, o *rom baro*, o grande homem da tribo. Não havia mãe para pedir por ele, nem pai para interferir nas punições duras do *rom baro*. Ninguém jamais o tocava, exceto em situações de violência. Ele vivia apenas para lutar, roubar e fazer coisas contra os *gadje*.

A maioria dos ciganos não odiava os ingleses pálidos que viviam em casas arrumadas, carregavam relógios de bolso e liam livros diante da lareira. Só não confiava neles. Mas a tribo de Kev desprezava os *gadje*, apenas porque o *rom baro* os desprezava. E quaisquer que fossem as vontades, crenças e inclinações do líder, a tribo as seguia.

Com o tempo, porque a tribo do *rom baro* causava grandes problemas e muita infelicidade sempre que montava acampamento, os *gadje* decidiram bani-los da terra.

Os ingleses chegaram a cavalo, portando armas. Houve tiros, pauladas, ciganos adormecidos atacados em suas camas, mulheres e crianças gritando e chorando. O acampamento havia sido dizimado e todos que estavam nele foram expulsos, as carroças *vardo* foram incendiadas e muitos cavalos foram roubados pelos *gadje*.

Kev tentara lutar contra eles, defender seu grupo familiar, ou *vitsa*, mas fora agredido com uma coronhada na cabeça. Outro homem o ferira nas costas com uma baioneta. A tribo o abandonara à morte. Sozinho à noite, ele ficara semiconsciente caído à margem do rio, ouvindo o som da água escura correndo, sentindo o frio da terra dura e molhada sob o corpo, mal percebendo o sangue que escorria em fios quentes. Havia esperado sem medo pela morte. Não tinha vontade nem motivo para viver.

Mas quando a Noite já se encaminhava para o encontro com sua irmã Manhã, Kev sentiu que alguém o tomava nos braços e o levava para longe em uma carroça pequena e rústica. Um *gadjo* o encontrara e pedira ajuda a um rapaz da região para carregar o *rom* moribundo.



Era a primeira vez que Kev ficava sob o teto de qualquer coisa que não fosse um *vardo*. Sentia-se dividido entre a curiosidade com relação ao ambiente estranho e a raiva diante da indignidade de ter que morrer em espaço fechado, aos cuidados de um *gadjo*. Mas Kev estava muito fraco, com muita dor, incapaz de erguer um dedo em defesa própria.

O quarto que ele ocupava não era muito maior que a baia de um cavalo e só havia uma cama e uma cadeira, além de almofadas, travesseiros, bordados emoldurados nas paredes e um abajur com cúpula de franja. Se ele não estivesse tão doente, teria enlouquecido no aposento pequeno e cheio.

O *gadjo* que o levava até ali... Hathaway... era um homem alto, magro, com cabelos louro-claros. A atitude gentil e acanhada do *gadjo* despertou a hostilidade de Kev. Por que Hathaway o salvara? O que podia querer de um menino cigano? Kev se recusava a falar com o *gadjo* e não aceitava os remédios. Rejeitava todas as demonstrações de bondade. Não queria dever nada a Hathaway. Não queria ser salvo, não queria viver. Por isso ficava silencioso e sério sempre que o homem trocava o curativo em suas costas.

Kev só falou uma única vez, quando Hathaway perguntou sobre sua tatuagem.

– Para que essa marca?

– É uma maldição – respondeu Kev por entre os dentes. – Não fale sobre ela com ninguém, ou também vai ser amaldiçoado.

– Entendo. – A voz do homem era gentil. – Vou guardar seu segredo. Mas sendo um racionalista, não acredito nessas superstições. Uma maldição só tem poder se você acreditar nela.

*Gadjo estúpido*, Kev pensou. Todos sabiam que negar uma maldição era atrair *muito* azar sobre si mesmo.

A casa era barulhenta, cheia de crianças. Kev podia ouvir as pessoas do outro lado da porta do quarto onde fora deixado. Mas havia mais alguma coisa... uma presença doce e fraca perto dali. Ele a sentia pairar fora do quarto, além do seu alcance. E ansiava por ela, faminto por alívio para a escuridão, a febre e a dor.

Em meio ao vozerio de crianças gritando, rindo, cantando, ele ouvia um murmúrio que o deixava todo arrepiado. Uma voz de menina. Adorável, tranquila. Ele queria que ela se aproximasse. E desejava isso enquanto ficava ali deitado, enquanto os ferimentos cicatrizavam com lentidão torturante. *Venha aqui...*

Mas ela nunca apareceu. Os únicos que entravam no quarto eram Hathaway e sua esposa, uma mulher agradável, mas desconfiada, que olhava para Kev como se ele fosse um animal selvagem que havia sido encontrado no ca-

minho para sua casa civilizada. E ele se comportava dessa forma, rosnando e se agitando sempre que se aproximavam dele. Assim que conseguiu voltar a se mover por conta própria, ele se lavou com a água morna da bacia deixada no quarto. Kev não comia na frente deles, mas esperava até deixarem uma bandeja sobre a cama. Toda a sua força de vontade era dedicada a ficar suficientemente curado para poder escapar.

Uma ou duas vezes as crianças foram espiá-lo, olhando pela fresta da porta entreaberta. Havia duas meninas chamadas Poppy e Beatrix, que riam e gritavam com medo e alegria quando ele grunhia para elas. Havia outra menina, mais velha, Amelia, que o estudava com o mesmo interesse cético demonstrado pela mãe. E havia um menino alto de olhos azuis, Leo, que não parecia ser mais velho que o próprio Kev.

– Quero deixar claro – disse Leo, da porta, com voz baixa – que ninguém pretende lhe fazer mal. Assim que puder ir embora, você é livre para partir. – Ele olhou para o rosto febril e carrancudo de Kev por um instante antes de acrescentar: – Meu pai é um homem bom. Um samaritano. Mas eu não. Então, nem pense em ferir ou insultar um Hathaway, ou vai ter que acertar contas comigo.

Kev o respeitou por isso. O bastante para responder com a cabeça. É claro que, se Kev estivesse bem, poderia ter derrotado o garoto com facilidade, o deixaria no chão sangrando e quebrado. Mas Kev havia começado a aceitar que essa estranha família de fato não desejava prejudicá-lo. E também não queriam nada dele. Apenas ofereciam abrigo e cuidado como se fosse a um cão perdido. E pareciam não esperar nada em troca.

Isso não diminuía o desprezo que Kev sentia por eles e por aquele mundo ridiculamente ameno, confortável. Kev odiava todos eles, quase tanto quanto odiava a si mesmo. Era um lutador, um ladrão, criado na violência e na mentira. Eles não percebiam? Pareciam não ter compreensão do perigo que haviam levado para a própria casa.

Depois de uma semana, a febre de Kev havia cedido e ele se recuperara o suficiente para poder se locomover. Precisava ir embora antes que algo terrível acontecesse, antes que fizesse alguma coisa indevida. Então, Kev acordou cedo certa manhã e se vestiu com dolorosa lentidão com as roupas que ganhara da família, roupas que antes pertenciam a Leo.

Mover-se era doloroso, mas Kev procurava ignorar que sua cabeça latejava e suas costas ardiam. Guardou nos bolsos do casaco uma faca e um garfo que havia tirado da bandeja de comida, uma vela e um pedaço de sabão. A primeira luz da manhã penetrava pela pequena janela sobre a cama. Logo a família

estaria acordada. Ele começou a se dirigir à porta, mas se sentiu tonto e caiu sobre a cama. Ofegante, tentou recuperar a força.

Alguém bateu à porta, que em seguida se abriu. Os lábios de Kev se afastaram numa expressão ameaçadora para o visitante.

– Posso entrar? – perguntou uma menina com voz suave.

Kev engoliu o que ia dizer. Todos os sentidos dele ficaram aguçados. Ele fechou os olhos, respirando, esperando.

*É você. Está aqui.*

Finalmente.

– Está sozinho há muito tempo – disse a menina, já se aproximando dele. – Pensei que poderia querer um pouco de companhia. Sou Winnifred.

Kev sorveu o cheiro e o som da menina. Seu coração disparou. Cautelosamente, ele se deitou de costas ignorando a dor que sentia. Então abriu os olhos.

Ele jamais havia pensado que uma *gadji* poderia se comparar a meninas ciganas. Mas essa era impressionante, uma criatura transcendental, branca como a lua, com cabelos louros platinados e traços que mesclavam ternura e seriedade. Ela parecia calorosa, inocente e doce. Tudo o que ele não era. Todo o seu ser reagia tão intensamente a ela que Kev estendeu a mão e segurou a menina com um gemido abafado.

Ela arfou, mas não resistiu. Kev sabia que não era certo tocá-la. Não sabia como ser gentil. Ele a magoaria sem querer. Mas ela relaxou em seus braços e o encarou com seus profundos olhos azuis.

Por que ela não o temia? Na verdade, ele sentia medo *por* ela, porque sabia o que ele próprio seria capaz de fazer.

Kev não havia percebido que a puxava para mais perto. Tudo que sabia era que agora parte do peso dela repousava sobre o corpo dele em cima da cama, e seus dedos apertavam a pele macia dos braços da menina.

– Solte – disse ela, com doçura.

Kev não queria soltá-la. Nunca. Queria apertá-la contra o peito, destralçar os cabelos sedosos e passar os dedos sobre eles. Queria carregá-la até o fim do mundo.

– Se eu soltar você – respondeu ele em tom severo –, promete que fica?

Os lábios delicados exibiram um sorriso doce, delicioso.

– Menino tolo. É claro que ficarei. Vim para visitá-lo.

Os dedos dele se afrouxaram devagar. Ele esperava vê-la fugir, mas a menina ficou.

– Deite-se – disse ela. – Por que está vestido tão cedo? – Ela arregalou os olhos. – Oh. Não deve partir. Não até estar bem.

Ela não precisava ter se preocupado. Os planos de fuga de Kev deixaram de existir no instante em que a vira. Ele se deitou sobre os travesseiros, observando atentamente enquanto ela ia se sentar na cadeira. A menina usava um vestido rosa. A gola e os punhos eram enfeitados com pequenos babados.

– Qual é o seu nome? – perguntou ela.

Kev odiava falar. *Odiava* conversar com qualquer pessoa. Mas estava disposto a fazer o que fosse preciso para mantê-la ali com ele.

– Merripen.

– Esse é seu primeiro nome?

Ele balançou a cabeça.

Winnifred inclinou a cabeça para um lado.

– Não vai me dizer seu nome?

Não podia. Um rom só podia revelar seu verdadeiro nome a outros rons.

– Diga ao menos a primeira letra – insistiu ela.

Kev a encarou perplexo.

– Não conheço muitos nomes ciganos – disse a menina. – É Luca? Marko? Stefan?

Kev achou que ela estivesse brincando, jogando, tentando provocá-lo. Não sabia como reagir. Normalmente, se alguém tentasse fazer alguma brincadeira com ele, respondia enfiando um murro no nariz do ofensor.

– Um dia você vai me dizer – falou Winnifred com um sorriso contido. Depois fez um movimento como se fosse se levantar da cadeira, e Kev estendeu a mão para segurar o braço dela. A menina ficou surpresa.

– Você disse que ficaria – falou Kev, em tom áspero.

A mão livre da menina segurou a que agarrava seu pulso.

– Eu vou ficar. Relaxe, Merripen. Só vou buscar um pouco de pão e chá para nós. Solte-me. Volto já. – A mão dela era leve e quente quando tocou a dele. – Vou ficar aqui o dia todo, se você quiser.

– Não vão permitir.

– Ah, sim, eles vão. – Ela abriu os dedos dele com delicadeza. – Não seja ansioso. Céus! Pensei que os ciganos fossem alegres.

Ela quase o fez sorrir.

– Tive uma semana ruim – disse ele em tom grave.

A menina ainda estava tentando soltar os dedos dele de seu braço.

– Sim, eu posso perceber. Como se feriu?

– Os *gadje* atacaram minha tribo. E podem vir me procurar aqui. – Ele a olhou com voracidade, mas se obrigou a soltá-la. – Não estou seguro. Tenho que partir.

– Ninguém ousaria levá-lo daqui. Meu pai é um homem muito respeitado no vilarejo. Um acadêmico. – Vendo a expressão cética de Merripen, ela acrescentou: – A pena tem mais poder que a espada.

Era uma expressão típica de um *gadjo*. Não fazia nenhum sentido.

– Os homens que atacaram minha *vitsa* na semana passada não estavam armados com penas.

– Pobrezinho – disse ela, penalizada. – Lamento. Seus ferimentos devem doer muito, depois de toda essa movimentação. Vou buscar um tônico.

Kev nunca havia sido objeto de piedade antes. Não gostava disso. O orgulho o dominou.

– Não vou beber nada. Remédio de *gadjo* não funciona. Se trouxer o tônico, vou simplesmente jogá-lo no...

– Tudo bem, não se agite para não piorar.

Ela caminhou até a porta, e um arrepio de desespero fez o corpo de Kev tremer. Ele tinha certeza de que ela não voltaria mais. E a queria perto, queria muito. Se tivesse forças, teria saltado da cama e a segurado outra vez. Mas isso era impossível.

Assim, ele cravou um olhar contrariado na menina e resmungou:

– Vá, então. Que o diabo a carregue.

Winnifred parou na porta e olhou por cima do ombro com um sorriso intrigante.

– Como você é mal-humorado! Voltarei com pão, chá e um livro, e ficarei pelo tempo que for necessário para ver um sorriso seu.

– Eu nunca sorrio – disse ele.

Para surpresa de Kev, Win retornou. Passou boa parte do dia lendo para ele, uma história enfadonha e cheia de palavras complexas que o deixou sonolento. Mas não havia música, não havia farfalhar de folhas na floresta, não havia canto de pássaros que o agradasse tanto quanto a voz macia de Winnifred. De vez em quando alguém da família surgia na porta do quarto, mas Kev não conseguia mais se irritar com nenhum deles. Sentia-se relaxado pela primeira vez na vida. Não era capaz de odiar ninguém quando estava tão próximo da felicidade.

No dia seguinte os Hathaways o levaram para o principal aposento do chulé, uma sala ocupada por móveis velhos. Todas as superfícies eram cobertas por desenhos, bordados e pilhas de livros. Não era possível se locomover por ali sem tropeçar em alguma coisa.

Enquanto Kev ficava reclinado no sofá, as meninas menores brincavam no tapete próximo dele, tentando ensinar truques para o esquilo de estimação

de Beatrix. Leo e o pai jogavam xadrez em um canto da sala. Amelia e a mãe preparavam alguma coisa na cozinha. E Win, sentada perto de Kev, cuidava do cabelo dele.

– Você tem a crina de um animal selvagem – comentou ela, usando os dedos para separar as mechas, que depois penteava com muito cuidado. – Fique quieto. Estou tentando deixá-lo com uma aparência mais civil... ah, pare de fugir. Não pode ter uma cabeça tão sensível!

Kev não se esquivava por causa das mechas embaraçadas ou porque o pente o machucava. O problema era que nunca havia sido tocado por tanto tempo em toda a sua vida. Estava mortificado, assustado... mas, quando olhou em volta, viu que ninguém se importava ou observava o que Win estava fazendo.

Ele se reclinou com os olhos semicerrados. O pente puxava os fios com força e Win murmurava desculpas e massageava os pontos doloridos com a ponta dos dedos. Muito delicada. O tratamento o deixava com a garganta fechada e os olhos ardendo. Profundamente perturbado, perplexo, Kev sufocou o sentimento. Mantinha-se tenso, mas passivo sob o toque suave. Mal conseguia respirar em meio ao prazer que Win lhe proporcionava.

Em seguida um pano envolveu seu pescoço, e ele viu a tesoura.

– Sou muito boa nisso – garantiu Win, empurrando a cabeça dele para a frente e penteando as mechas que cobriam a nuca. – Seu cabelo precisa de um corte. O que tem na sua cabeça daria para estofar um colchão.

– Cuidado, rapaz – disse o Sr. Hathaway, brincalhão. – Lembre o que aconteceu com Sansão.

Kev levantou a cabeça.

– O quê?

Win a empurrou para a frente outra vez.

– O cabelo de Sansão era a origem de sua força – disse ela. – Depois que Dalila o cortou, Sansão ficou fraco e foi capturado pelos filisteus.

– Não leu a Bíblia? – indagou Poppy.

– Não – respondeu Kev, imóvel, enquanto a tesoura aparava cuidadosamente os caracóis sobre seu pescoço.

– Então é pagão?

– Sim.

– É do tipo que come pessoas? – perguntou Beatrix com grande interesse.

Win falou antes que Kev pudesse dar alguma resposta:

– Não, Beatrix. O indivíduo pode ser pagão sem ser canibal.

– Mas os ciganos comem ouriço – insistiu Beatrix. – E isso é tão ruim quanto comer pessoas. Porque os ouriços têm sentimentos, você sabia? – Ela parou

ao ver um cacho negro cair no chão. – Oh, que lindo! – exclamou. – Posso ficar com ele, Win?

– Não – respondeu Merripen mal-humorado, ainda com a cabeça inclinada.

– Por que não? – quis saber Beatrix.

– Alguém pode usá-lo para fazer um encantamento de má sorte ou um feitiço de amor.

– Oh, eu não faria isso – respondeu Beatrix com inocência. – Só quero usar os cabelos para forrar um ninho.

– Deixe para lá, querida – interferiu Win com serenidade. – Se isso causa desconforto ao nosso amigo, seus bichinhos vão ter que morar em ninhos feitos com outro material.

A tesoura continuava cortando.

– Todos os ciganos são supersticiosos como você? – perguntou Win a Kev.

– Não. A maioria é ainda mais supersticiosa.

A risada suave da menina acariciou sua orelha, o hálito morno o fez ficar arrepiado.

– O que odiaria mais, Merripen? A má sorte ou o encantamento de amor?

– O encantamento de amor – disse ele sem hesitar.

Por alguma razão, toda a família riu. Merripen olhou carrancudo para todos, mas não viu deboche no humor amistoso.

Kev ficou em silêncio, ouvindo as pessoas conversarem enquanto Win cortava mechas de seus cabelos. Era a conversa mais estranha que ele já havia presenciado, as meninas interagindo livremente com o irmão e o pai. Todos passavam de um assunto ao outro, discutindo ideias que não se aplicavam a eles, situações que não os afetavam. Não havia propósito em nada daquilo, mas eles pareciam se divertir muito.

Kev não sabia que pessoas assim existiam. Não tinha ideia de como haviam sobrevivido por tanto tempo.



Os Hathaways eram estranhos, excêntricos e alegres, preocupados com livros, arte e música. Viviam em um chalé dilapidado, mas, em vez de consertar portas e buracos no teto, plantavam roseiras e escreviam poesia. Se a perna de uma cadeira quebrava, eles simplesmente empilhavam livros embaixo dela. As prioridades da família eram um mistério para ele. E Kev ficou ainda mais intrigado quando, depois de seus ferimentos terem cicatrizado, eles o convidaram a preparar um quarto para si mesmo na plataforma sobre o estábulo.

– Pode ficar quanto tempo quiser – disse o Sr. Hathaway. – Porém, sei que um dia vai querer partir para ir procurar sua tribo.

Mas Kev não tinha mais uma tribo. Os rons o deixaram para morrer sozinho. Seu lugar agora era ali.

Kev começou a cuidar das coisas às quais os Hathaways não davam atenção, como reparar os buracos no teto e o rejuntamento entre as pedras da chaminé. Apesar do pavor que tinha de altura, ele trocou toda a cobertura do telhado de sapê. Cuidava do cavalo e da vaca, e também da horta. Até consertava os sapatos da família. Logo a Sra. Hathaway confiava nele o suficiente para mandá-lo ao vilarejo com dinheiro para comprar comida e o que mais necessitassem.

Só houve um momento em que sua presença na casa dos Hathaways pareceu ameaçada. Foi quando o surpreenderam brigando com alguns valentões do vilarejo.

A Sra. Hathaway ficou alarmada ao vê-lo machucado e com o nariz sangrando, e pediu explicações sobre como aquilo havia acontecido.

– Eu o mandei ir buscar uma encomenda com o queijeiro e você volta de mãos vazias e nesse estado – gritou ela. – Que tipo de violência praticou e por quê?

Kev não deu explicações, apenas ouviu muito sério a reprimenda.

– Não vou tolerar brutalidade nesta casa. Se não é capaz de explicar o que aconteceu, pegue suas coisas e vá embora.

Porém, antes que Kev pudesse falar, Win apareceu.

– Não, mãe – interferiu ela, calmamente. – Eu sei o que aconteceu... minha amiga Laura acabou de me contar. O irmão dela estava lá. Merripen defendia nossa família. Dois outros rapazes gritavam insultos contra os Hathaways, e Merripen os espancou por isso.

– Insultos de que natureza? – indagou, perplexa, a Sra. Hathaway.

Kev olhava para o chão com os punhos cerrados.

Win não amenizou a verdade.

– Eles criticavam nossa família porque abrigamos um rom. Alguns moradores do vilarejo não gostaram disso. Temem que Merripen venha a roubá-los, lance maldições contra nosso povo, entre outras tolices. Eles nos culpam por termos acolhido esse homem.

No silêncio que se seguiu, Kev tremia de raiva. E, ao mesmo tempo, sentia-se derrotado. Era um estorvo para a família. Jamais poderia viver entre os *gadje* sem conflito.

– Vou embora – disse ele.

Era a melhor coisa que podia fazer pela família.

– Para onde vai? – perguntou Win com uma nota surpreendente na voz,



como se a ideia de vê-lo partir a incomodasse. – Seu lugar é aqui. Não tem outro lugar para onde ir.

– Sou um rom – disse com simplicidade. Ele pertencia a todos os lugares e a lugar nenhum.

– Não vai sair daqui – declarou a Sra. Hathaway, surpreendendo-o. – Não por causa de alguns bandidos do vilarejo. Que lição eu daria a meus filhos se deixasse esse comportamento ignorante e desprezível prevalecer? Não, você fica. É o correto. Mas não deve mais brigar, Merripen. Ignore-os, e eles vão acabar perdendo o interesse em nos provocar.

Um estúpido sentimento de *gadjo*. Ignorar nunca funcionava. A maneira mais rápida de silenciar as provocações de um valentão era surrá-lo até transformá-lo em uma massa sangrenta.

Uma nova voz entrou na conversa.

– Se ele ficar – disse Leo ao entrar na cozinha –, certamente terá que lutar, mãe.

Assim como Kev, Leo estava em péssimas condições físicas, com um olho roxo e um lábio cortado. Leo sorriu com dificuldade ao ouvir as exclamações da mãe e da irmã. Ainda sorrindo, ele olhou para Kev.

– Surrei um ou dois homens que você deixou escapar – disse.

– Oh, querido – murmurou a Sra. Hathaway, pesarosa, segurando a mão do filho e notando que ela sangrava de um corte, provavelmente onde acertara os dentes de alguém. – Estas mãos devem segurar livros. E não lutar.

– Gosto de pensar que sou capaz de fazer as duas coisas – respondeu Leo em tom seco.

A expressão de Leo ficou séria quando ele olhou para Kev.

– Ninguém vai me dizer quem pode ou não morar em nossa casa. Enquanto quiser ficar, Merripen, eu o defenderei como um irmão.

– Não quero criar problemas – murmurou Kev.

– Problema algum – replicou Leo, flexionando a mão com cuidado. – Afinal, alguns princípios merecem ser defendidos.

## CAPÍTULO 3

**P**rincípios. Ideais. A dura realidade da antiga vida de Kev não permitia que ele pensasse nessas coisas. Mas a convivência com os Hathaways o modificou,

elevando seus pensamentos a considerações que iam além da mera sobrevivência. Com certeza jamais seria um acadêmico ou um cavalheiro. Porém, havia passado anos ouvindo as animadas discussões dos Hathaways sobre Shakespeare, Galileu, a arte flamenga comparada à veneziana, democracia, monarquia, teocracia e todos os assuntos imagináveis. Aprendera a ler e até havia adquirido algum conhecimento de latim e francês. Transformara-se em alguém que sua antiga tribo jamais reconhecera.

Kev nunca pensava no Sr. e na Sra. Hathaway como pais, mas teria feito qualquer coisa por eles. Não desejava criar laços com as pessoas. Para isso seria necessário mais confiança e intimidade do que podia sentir. Mas gostava de todos os Hathaways, até mesmo de Leo. E havia Win, por quem Kev daria a vida.

Kev jamais a desonraria com seu toque, nem ousaria ocupar na vida dela um lugar que não fosse o de protetor. Ela era muito valiosa, muito rara. Quando cresceu e se transformou em mulher, todos os homens do lugar se encantaram com sua beleza.

Forasteiros costumavam ver Win como uma rainha de gelo, contida, inabalável e racional. Mas essas pessoas não conheciam a sagacidade e o calor que se escondiam sob a aparência perfeita. Forasteiros não viram Win ensinando a Poppy os passos de uma quadrilha até as duas caírem no chão rindo. Ou caçando sapos com Beatrix, o avental cheio de anfíbios saltitantes. Nem o tom cômico com que ela lia um romance de Dickens empregando uma coleção de vozes e sons, até a família inteira se render a sua astúcia.

Kev a amava. Não como descreviam os romancistas e poetas. Nada tão domesticado. Amava Win além da terra, do céu ou do inferno. Cada momento longe dela era agonia; cada momento com ela era a paz que jamais conhecera. Cada toque daquelas mãos nele lhe devorava a alma. Kev teria se matado antes de admitir tudo isso a alguém. A verdade estava enterrada fundo em seu coração.

Ele não sabia se Win correspondia ao seu amor. Tudo o que sabia era que não queria que ela o amasse.



– Pronto – disse Win, certo dia, depois de terem andado por pântanos secos e sentado para descansar no lugar favorito dos dois. – Está quase conseguindo.

– Quase conseguindo o quê? – perguntou Kev, preguiçoso.

Eles se reclinaram ao lado de um grupo de árvores à margem de um córrego que costumava secar nos meses de verão. A grama era coberta de flores brancas

e roxas que espalhavam pelo ar quente e fétido uma fragrância semelhante à de amêndoas.

– Sorrir. – Ela se apoiou sobre os cotovelos e tocou os lábios dele com os dedos.

Kev ficou imóvel.

Uma ave voou de uma árvore próxima estendendo as asas, emitindo um pio longo e agudo ao descer.

Dedicada a seu objetivo, Win puxou os cantos da boca de Kev para cima e tentou segurá-los.

Excitado e se divertindo com a brincadeira, Kev riu e empurrou a mão dela.

– Você devia sorrir com mais frequência – disse Win, ainda olhando para o rosto dele. – Fica muito bonito quando sorri.

Ela era mais fascinante que o sol, com cabelos que lembravam seda clara e lábios cor-de-rosa. No início o olhar de Win parecia ser apenas de curiosidade, mas, ao sustentá-lo, ele percebeu que ela tentava ler seus segredos.

Kev queria puxá-la para a relva e cobrir o corpo dela com o seu. Vivia com os Hathaways havia quatro anos. Agora descobria que era cada vez mais difícil controlar seus sentimentos por Win.

– O que pensa quando olha para mim desse jeito? – perguntou ela em voz baixa.

– Não posso dizer.

– Por que não?

Kev sentiu o sorriso distender seus lábios novamente, dessa vez um pouco inclinado.

– Você ficaria com medo.

– Merripen – falou decidida –, nada do que você faça ou diga vai me amedrontar. – Ela franziu o cenho. – Você *nunca* vai me dizer seu primeiro nome?

– Não.

– Vai, sim. Eu vou fazer você me dizer. – Ela fingiu bater no peito dele com os punhos.

Kev segurou os pulsos finos de Win com as mãos, contendo-a com facilidade. O corpo dele acompanhou o movimento, rolando sobre ela para imobilizá-la. Era errado, mas ele não conseguia se conter. E enquanto a prendia com seu peso, ele sentiu que ela se movia instintivamente para acomodá-lo. Kev já estava quase paralisado pelo prazer primitivo da experiência. Ele esperava que ela resistisse, que lutasse com ele, mas, em vez disso, sentiu que Win se mantinha passiva e a viu sorrir.

Kev se lembrou vagamente de uma das histórias da mitologia grega de que

os Hathaways tanto gostavam... sobre Hades, o deus do mundo inferior que sequestrara a donzela Perséfone em um campo florido e a levava para o fundo da terra por uma fenda. Hades iria possuí-la no seu mundo sombrio e privado. Apesar de as filhas de Hathaway reagirem todas com indignação ao destino de Perséfone, Kev se sentira solidário com Hades em particular. A cultura cigana costumava romantizar a ideia do sequestro de uma mulher para fazer dela noiva do sequestrador, chegando a imitar essa atitude em seus rituais de conquista e sedução.

– Não entendo por que comer meia dúzia de sementes de romã deveria ser o bastante para condenar Perséfone a passar parte do ano com Hades – declarou Poppy, ultrajada. – Ninguém a informou sobre as regras. Não foi justo. Tenho certeza de que ela nunca teria tocado em nada, se soubesse o que poderia acontecer.

– E nem foi um lanche muito nutritivo – acrescentara Beatrix, perturbada. – Se eu estivesse lá, teria pedido, pelo menos, um doce ou um folhado com geleia.

– Talvez ela não tenha se sentido tão infeliz por ficar – sugeriu Win com os olhos brilhando. – Afinal, Hades a fez sua rainha. E a história conta que ele possuía “as riquezas da terra”.

– Um marido rico – dissera Amelia – não muda o fato de Perséfone ter sido forçada a residir em um local indesejável sem nenhuma vista. Pense nas dificuldades de alugar essa residência durante os meses fora de temporada.

Todos concordavam sobre Hades ser um completo vilão.

Mas Kev entendia exatamente por que o deus do mundo inferior havia roubado Perséfone para ser sua noiva. Queria para si um pouco de sol e calor no subterrâneo triste de sua moradia escura.

– Então, os membros de sua tribo que o abandonaram para morrer... – falou Win, trazendo os pensamentos de Kev de volta ao presente. – *Eles* podem saber seu verdadeiro nome, mas eu não?

– Isso mesmo. – Kev observou a dança de luz e sombras no rosto de Win. Imaginava como seria tocar com os lábios aquela pele onde a luz brincava.

Linhas suaves surgiram entre as sobrancelhas de Win.

– Por quê? Por que não posso saber?

– Porque você é uma *gadjí*. – Seu tom era mais terno do que ele pretendia que fosse.

– Sua *gadjí*.

Ao penetrar esse território perigoso, Kev sentiu seu coração se contrair dolorosamente. Win não era dele, nem jamais poderia ser. Exceto em seu coração.

Ele se levantou.

– É hora de voltar – disse Kev em tom seco.

Ele estendeu a mão para puxar a dela, pondo Win em pé. Ela não controlou a força do impulso, deixando-se cair contra ele naturalmente. As saias balançavam em torno das pernas, e a forma esguia e curvilínea do corpo delicado pressionou o dele. Com desespero, Kev buscou força, e vontade, para afastá-la.

– Vai tentar encontrá-los, Merripen? – perguntou ela. – Vai me deixar?

*Nunca*, ele pensou num lampejo de ardente necessidade. Mas, em vez disso, falou:

– Não sei.

– Se você for, eu irei também. E o trarei de volta para casa.

– Duvido que o homem que se casar com você permita isso.

Win sorriu como se o comentário fosse ridículo. Ela se afastou e soltou a mão dele. Os dois caminharam de volta a Hampshire House em silêncio.

– Tobar? – sugeriu ela depois de um momento. – Garridan? Palo?

– Não.

– Rye?

– Não.

– Cooper?... Stanley?...

– Não.



Para orgulho de toda a família Hathaway, Leo foi aceito na Academia de Belas-Artes em Paris, onde estudou arte e arquitetura por dois anos. Tão promissor era o talento de Leo que o curso foi pago parcialmente pelo renomado arquiteto londrino Rowland Temple. Leo lhe restituiria o valor trabalhando para ele quando voltasse ao país.

Leo havia amadurecido e se tornado um jovem estável e de boa natureza, de espírito perspicaz e com uma risada fácil. E à luz de seu talento e ambição, havia a promessa de ainda mais realizações. Quando voltou à Inglaterra, Leo se instalou em Londres para cumprir sua obrigação com Temple, mas também ia visitar frequentemente a família em Primrose Place. Além de cortejar uma linda moça de cabelos negros que morava no vilarejo e cujo nome era Laura Dillard.

Durante a ausência de Leo, Kev havia feito o possível para cuidar da família. E o Sr. Hathaway havia tentado mais de uma vez ajudar Kev a planejar um futuro para ele. Essas conversas resultavam em frustração para ambos.

– Você está desperdiçando sua vida – dizia o Sr. Hathaway a Kev com contida irritação.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br),  
curta a página [facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)  
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)